

NOTA INTRODUTÓRIA

Manuel Maria Carrilho

Rui Alexandre Grácio é autor de uma das mais interessantes obras que, no âmbito da retórica e da teoria da argumentação, se têm vindo a publicar em Portugal.

Iniciada há vinte anos com o livro Racionalidade Argumentativa, e depois prosseguida num regular conjunto de trabalhos, ela adquiriu um estatuto incontornável entre 2009 e 2012, com obras como Discursividade e Perspetivas, A Interação Argumentativa, Fenomenologia, Hermenêutica, Retórica e Argumentação e, finalmente, Teorias da Argumentação.

Neste pequeno mas precioso livro que agora publica, Perspetivismo e Argumentação, Rui Alexandre Grácio propõe-se proceder a um oportuno balanço e a uma síntese desse percurso. E fá-lo a partir de uma pergunta central — como teorizar a argumentação? — que desdobra em duas vertentes: a do apuramento dos fenómenos que a teoria da argumentação estuda, e a das suas tarefas descritivas fundamentais.

O que interessa a Rui Alexandre Grácio é avaliar as teorias da argumentação em termos de adequação descri-

tiva, isto é, de uma compreensão que, como afirma, consiga captar, sem ilusões formais nem funcionalistas, a dinâmica prática e o sentido vital dos processos argumentativos.

O essencial da sua estratégia é procurar a “boa distância” que possa abrir caminho à inteligência da efetividade argumentativa, aceitando naturalmente situá-la sempre num determinado contexto, mas resistindo à “domesticação criteriológica” que tende sempre a apagar tanto a conflitualidade como a contingência, na variedade das suas múltiplas declinações argumentativas.

É justamente esta opção que leva Rui Alexandre Grácio a valorizar a articulação da argumentação com o perspetivismo, porque a seu ver é nela que justamente se concretiza sempre o “confronto de visões e de versões que é inerente à problematicidade de toda a questão argumentativa”.

Deixo naturalmente ao leitor o convite para seguir o meticuloso percurso conceptual que Rui Alexandre Grácio propõe, em torno de noções como a de “assunto em questão”, “oposição” ou “tematização”, e com que procura abrir um novo caminho entre as teorias restrita e generalizada da argumentação, entre uma orientação mais descritivista e uma avaliação mais normativista, um caminho que se concentra na interação argumentativa e assume o seu incontornável registo tensional.

Mas não quero deixar de sublinhar um ponto: é que o recurso ao perspetivismo que inspira Rui Alexandre Grácio nesta sua original abordagem da argumentação me pa-

rece tão fundamentado como fecundo. Com efeito, apesar da discricção com que o mobiliza, é ele que permite libertar a tematização argumentativa dos constrangimentos mais ou menos formais do raciocínio, para a ligar à plasticidade que sempre caracteriza qualquer perspectiva.

E o perspectivismo, é bom lembrá-lo, foi desde as suas já remotas mas muito esquecidas raízes nietzscheanas, uma radical inversão das prerrogativas da ordem dos factos sobre o registo da interpretação. E o que ele consagrou com esta inversão, foi um novo tipo de primado, o da interpretação, que interdita a prevalência de uma qualquer perspectiva particular, ao mesmo tempo que apresenta o mundo como o resultado de uma combinatória, sempre aleatória e em aberto, de múltiplas perspectivas. É por isso que, como Rui Alexandre Grácio bem assinala, a perspectiva remete para uma “inultrapassável retoricidade da linguagem, para a coexistência de versões alternativas e para um registo tensional conflitual.”

Perspetivismo e Argumentação dá ao leitor o balanço prometido e a síntese anunciada. E fá-lo com um respeito exemplar pelas contribuições fundamentais que, desde a antiguidade grega até à atualidade mais recente, pontuam o essencial da reflexão sobre a argumentação e as suas teorias.

Mas este livro tem também um lastro prospetivo, que abre vias para o futuro e leva a pensar que a teoria da interação argumentativa de Rui Alexandre Grácio, se for

articulada com a temática da racionalidade, conduz a uma possibilidade nova: a de pensar a racionalidade, não nos tradicionais moldes da convicção e da persuasão, mas em termos de coexistência e de convivialidade. É justamente este, a meu ver, o desafio que agora se coloca ao alcance de Rui Alexandre Grácio e da sua nova concepção da atividade argumentativa.